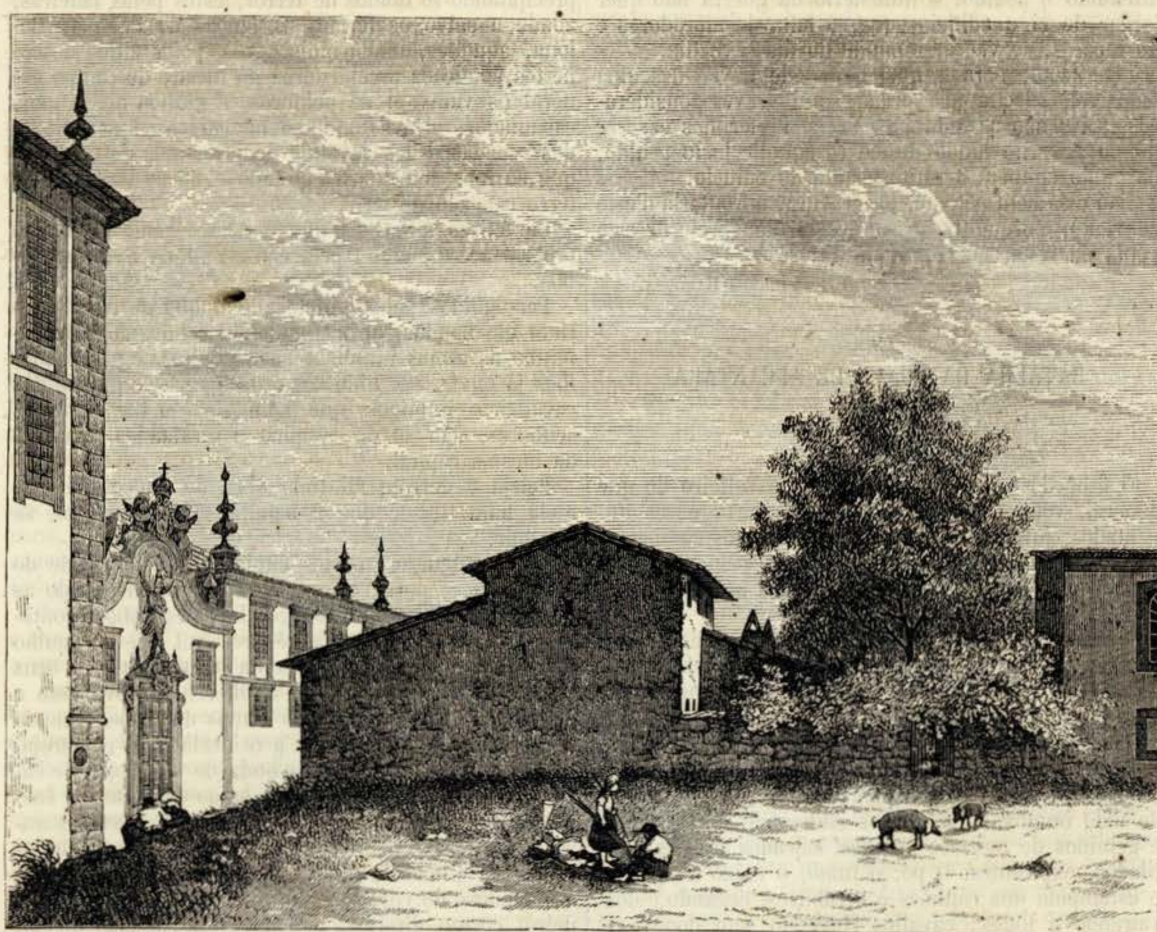


Convento das carmelitas em Guimarães—Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

No dia 16 de março de 1685 lançou-se a primeira pedra de um convento para religiosas na rua da Infesta da villa, hoje cidade de Guimarães. Aos 8 d'abril do anno seguinte disse-se a primeira missa em uma capella do novo convento, apesar de se achar a edificação ainda atrasada. Mesmo sem estar acabado tomaram o habito carmelitano algumas donzellas, com o titulo de recolhidas, mediando as competentes licenças do provincial dos carmelitas, e do arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa.

Foi dedicado o convento a Santa Theresa. Quanto ao nome do fundador, ou fundadora, conservou-se em tal segredo, pela sua piedade e modestia, que ficou absolutamente ignorado.

Passados alguns annos, cremos que em 1704, estando o edificio concluido, chegou a bulla do papa, que auctorisou as recolhidas de Santa Theresa a receberem o véo de religiosas carmelitas calçadas. O convento trocou a sua primeira invocação pela de S. José. Porém, como o logar de honra no altar-mór da egreja é occupado pela imagem de Nossa Senhora do Carmo, o povo principiou a dar esta invocação ao convento e ao templo, e por ella os conhece e nomeia ainda ao presente.

Perseverou o convento até ao anno de 1850 ou 51, em que falleceu a ultima freira.

Vagando então para a coroa, foi concedido o edificio do convento, exceptuando a egreja, ao ministerio da guerra, para n'elle estabelecer o hospital do batalhão de caçadores n. 7, que n'essa epocha estava aquartelado em Guimarães.

A egreja com as respectivas officinas foi dada á irmandade de Nossa Senhora do Carmo, erecta no mesmo templo, que a conserva com muito aceio, e n'ella faz celebrar os officios divinos, e algumas funcções com bastante decencia.

O governo, passado algum tempo, deu áquelle batalhão outra terra por quartel; mas o convento continuou a pertencer ao ministerio da guerra.

Pouco depois subiu ao throno o sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, que desde logo prendeu a si a nação por tantos e tão fortes laços, entre os quaes muito avultou a escolha de uma esposa, modelo de todas as virtudes christãs.

Volveu-se mais algum pouco tempo, e esses dois astros, que brilhavam com tamanho resplendor no horisonte de Portugal, reflectindo do alto do solio para todo o paiz amor da patria e da religião, fé no trabalho e esperança no futuro, eclipsaram-se, e desappareceram d'entre nós, um após outro!

A nação cobriu-se de sincero e verdadeiro lucto. Não houve olhos de portuguezes que deixassem de verter lagrimas saídas do coração. Todas as terras do reino porfiavam em qual daria mais solemne testimunho da dor publica, qual prestaria mais grata homenagem ás virtudes civicas e religiosas dos seus chorados monarchas.

Lembraram-se em Guimarães de honrar a memoria da augusta rainha com uma instituição verdadeiramente pia e civilisadora — um asylo de infancia desvalida, que se devia intitular de *Santa Estefania*.

Pediram para esse fim ao governo o convento das

carmelitas, que se achava sem destino. Porém até ao presente, com magoa e vergonha o dizemos, não foi attendido o pedido. O ministerio da guerra não quer largar de si o edificio, que, á falta de moradores e de reparos, se váe arruinando de dia para dia.

Este facto, para o qual não póde haver desculpa plausivel, suscita na verdade mui graves considerações. Mas não as queremos fazer. Preferimos esperar que o governo ainda attenderá áquelle justo pedido, obstando tambem á ultima ruina do edificio.

Não está bem patente, na gravura, a frontaria d'este convento, porque o nosso desenhador preferiu este ponto de vista, por ser mais pittoresco.

I. DE VILHENA BARBOSA.

BATALHA DA PONTE DE ALCANTARA
1850

(Conclusão. Vid. pag. 49)

O filhó do infante D. Luiz, mais cavalleiro do que general, vendo a ponte perdida e os portuguezes afugentados, juntou em volta de si a flor dos combatentes, e á testa d'elles, assignalando-se pela intrepidez e pelo peso dos golpes, partiu á redea larga para atalhar os progressos aos invasores.

A furia do encontro foi tão brava, o espaço aonde se luctava era tão estreito, e quantos o prior trazia ao lado faziam tão pouco caso da vida, que os ferros, cruzando-se, fusilavam; que os elmos, feridos, lançavam faiscas; e que os pelouros, silvando, batiam rapidos como graniso, não se descobrindo, passados momentos, senão corpos afogados em sangue, uns já de todo immoveis, os outros estorcendo-se nas ancias e gemidos de mortaes agonias, calcados aos pés, mutilados, expirantes. O pó, o fumo, o ruido da peleja, o estampido dos canhões e arcabuzes, cegando e desvairando a todos; cavallos correndo sem dono; ginetes revolvendo-se prostrados; aqui a fera alegria da victoria, mais longe a pallidez do medo; adiante as ameaças da vista chammeante, e a morte pairando sobre todo o campo no sinistro horror do seu cruel aspecto, eis o espectaculo representado por este episodio, tão curto nos minutos, como longo e doloroso nos trances que encerrou.

A fortuna, sempre fiel á ambição de Filippe II, pareceu duvidosa por um instante, mas só por um instante.

Os italianos principiavam a retrahir-se e a ceder, quando os alaridos e os magotes dos que Sancho de Avila varrêra diante de si, vieram revelar ao principe toda a extensão do desastre. [1]

A batalha estava ganha pelos castelhanos. As columnas do centro, avançando guiadas pelo generalissimo, sem trabalho arrancaram na ponta das lanças os adversarios consternados.

O prior do Crato, a todo o galope, e já com a tristeza do infortunio retratada no semblante, deixando em meio a victoria, que a tactica de um grande capitão lhe tirava das mãos, acudiu aonde o perigo instava mais, e desappareceu no rolo vacillante dos soldados, que não disputavam já senão o caminho da fuga.

Entre os arcabuzeiros de Sancho de Avila, que senhores das ultimas trincheiras, não sem renhida, ainda que breve defesa, galgavam as plataformas, para arvorarem n'ellas as suas bandeiras, e a cavallaria de D. Fernando de Toledo, cuja marcha, demorada pela distancia e pelos obstaculos naturaes, só agora lhe permittira descobrir os seus movimentos sobre o outro flanco da nossa posição, não houve em todo o exercito do pretensor senão um grito e uma idéa, precipitando-se doidos de terror, estes pelas ladeiras, aonde a salvo os feriam as lanças de Prospero Colona, aquelles, ainda mais cegos, pelos sitios descobertos, aonde os arcabuzeiros do mestre de campo general os varavam de pelouros, e muitos ainda mais espantados, atravessando-se ná carreira louca diante das espadas e dos cavallos do prior-mór de Castella, que só lhes deu quartel quando o fio se embotou ao ferro cançado de ferir.

Os felizes foram os que o acaso, mais do que o proprio acerto, guiou pela estrada ainda livre de Lisboa.

Perseguidos pelos ginetes do duque de Alva, corriam em bandos, atropellando-se, semeando pelo caminho as armas inuteis e as bandeiras, e parecendo-lhes já ouvir, no ruido dos proprios pés, o galope dos cavalleiros inimigos, que a imaginação lhes figurava senhores, não só da campina e arrabaldes, mas até da mesma capital.

Peleja e derrota foi tudo obra de pouco mais de meia hora, desde que a batalha se declarou até se concluir.

Mil portuguezes mortos expiaram a temeridade do seu principe; porém a maior parte acabou, dando as costas sem affrontar o perigo. Dos hespanhoes contaram-se apenas cem; mas é provavel que o orgulho do vencedor diminuisse a perda para exaltar os seus trophéos. Em todo o caso a differença prova bem o pouco que sabem cortar as armas da plebe, quando a disciplina as não afia, e a ociosidade as enferruja.

D. Antonio, arrastado na onda de um tropel de cavalleiros, debalde tentou oppor-se ao desbarato, e suspender os que maldiziam a sua ambição. Desamparado e ferido no rosto e na garganta por um guarda-costas de Granada, que o não conheceu, cravou por fim esporas no corsel, e para se livrar de caír prisioneiro, correu direito á capital, acompanhado apenas do conde de Vimioso, de Diogo Botelho, o velho, de D. Duarte de Castro e de D. Manuel de Portugal. Entrou como um relampago por uma das portas, e ordenando, sem se apear, que soltassem os presos e abrissem as cadeias, saíu pela porta opposta, procurando alargar a distancia que o separava dos inimigos. Em Santo Antonio do Tojal é que respirou e consentiu que lhe curassem as feridas; e mais repousado de corpo e de espirito, continuou depois a jornada para Santarem, aonde determinára reunir os partidarios, formando o nucleo de segundo exercito, se a inevitavel prostração de animo dos seus lhe não desvanecesse esta ultima esperança. [1]

No mar, as coisas não se mostraram tão favorecidas da fortuna. O marquez de Santa Cruz, por mais impaciente que se mostrasse, não póde acompanhar nos triumphos o duque de Alva.

A maré e a brisa não o ajudaram. Em vão os signaes de terra o convidavam a tomar parte na lucta; obrigado a obedecer em vez de mandar, media o convez com passos impacientes, interrogava os praticos, e via fugir a occasião. Por fim, abrazado em despeito, e convencido de que a demora podia ser ainda longa, decidiu-se a prescindir do soccorro das naus, e a não dilatar o combate. Partindo com as galés a remos investiu a armada do prior do Crato.

O conflicto não se prolongou. Disparados de parte a parte alguns tiros, e feita mais uma ostentação, do que travada uma verdadeira peleja, os galeões calaram as baterias e arriaram pavilhão, entregando-se com os navios.

REBELLO DA SILVA.

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal, liv.* III. — Conestagio — *União de Portugal,* liv. VII. — D. Serafin Calderon — *Campaña del duque de Alba,* artigo 3.º — Cabrera de Cordova — *Filippe II rey de España,* liv. XIII, cap. II.

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal,* liv. III. — Briefve et Sommaire — *Description de la vie et mort de D. Antoine,* Paris, 1529, pag. 6. — Cabrera de Cordova — *Filippe II rey de España,* liv. XIII, cap. II, pag. 1110. — Conestagio — *União de Portugal,* liv. VII.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 45)

A isto ia responder Peralta, defendendo a cultura das sciencias e das letras; mas impediram-lh'o uns arrieiros que passavam, a quem o diabinho, por fazer mal, espantou as cavalgaduras, indo as cargas ao chão, pelo que os arrieiros, blasfemando, davam as bestas ao diabo; e o da mão furada banhado em agua de flor do gosto que lhe dava aquelle maleficio, dizia a Peralta muito de mansinho:

— Olha quantas cavalgaduras eu já tenho!

Acabaram os arrieiros de carregar, e foram-se embora, moendo os animaes á bordoada. Peralta muito triste pediu ao diabinho, que não quizesse outra vez fazer aquillo aos passageiros, porque o lastimavam muito as molestias do seu proximo. O diabinho lhe respondeu:

— Que como o fazer mal era sua natureza, não podia deixar de executal-o; mas para o livrar d'essa pena, o levaria por caminho onde não encontrasse passageiros, e que pelo divertir lhe mostraria a casa da Cubiça, que tinha muito que ver.

Bem quizera Peralta escusar o rodeio e mais representações; mas por não ver que o diabinho molestava o proximo, condescendeu com o gosto d'elle.

Apartaram-se da estrada, e sem saber como, em breve espaço viu-se Peralta n'um aprazivel e formosissimo valle, entre o qual divisou logo um sumptuoso edificio, e chegando a elle viu que a porta estava fechada e chapeada de finissimo oiro, em que estavam engastadas muitas pedras preciosas, e proximo d'ellas uma tarja com letras do mesmo metal que diziam:

Esta machina extremada
Que a mór grandeza limita,
E' para quem n'ella habita
Tudo vento, e tudo nada.

Da referida porta, que sempre estava fechada para os que quizessem entrar, era porteiro um velho aprazivel e lisonjeiro, o qual com muitas submissões e cortezias recebeu o fradinho, e offereceu a Peralta a entrada franca, louvando com grandes encarecimentos o seu bom gosto em querer ver aquella insigne casa, e inclinar-se ás delicias d'ella. Entrando Peralta n'um aposento armado de finissimas telas, viu lá uma dama com admiraveis galas, a quem assistia outra servindo de criada, não menos custosamente vestida. A senhora estava sentada sobre um solio guarnecido de oiro, e tinha na mão um escudo com letras que diziam:

Entre baixos me criei,
Mas com tal sagacidade
Que na maior dignidade
Já hoje me enthronisei.

Com pobres magnifactores
Tratava sómente então,
Mas hoje só me acharão
Nos ouvidos dos senhores.

Fui no tempo, desprezada,
Que trabalhava sem fructo,
Mas hoje já valho muito
Por meio d'esta criada

Amirado estava Peralta de ver aquella grandeza, e o enigma d'aquellas figuras. Perguntando ao diabinho o que eram, respondeu-lhe:

— Que o velho que servia de porteiro era o Engano; a dama sentada no throno era a Mentira, e a que lhe assistia de criada a Lisonja.

Com o que Peralta entendeu os versos do epigramma que o tinham confuso, ficando admirado da propriedade das figuras.

Deixado este salão, chegaram a outro cuja porta estava cerrada, e batendo o diabinho n'ella, perguntaram de dentro quem eram?, e o que buscavam?

Disse-lhe o diabinho:

— Que eram dois forasteiros, que por curiosidade queriam ver aquelle edificio.

— Dera-lhes de conselho, replicou de dentro o porteiro, que tal não intentassem, para se não illudirem com as apparentes delicias e riquezas d'este phantastico e fabuloso palacio, com as quaes a senhora d'elle engana aos que nesciamente se lhe entregam.

— Já vimos acautelados dos seus enganos, replicou o diabinho. Como assim seja, bem nos pódes abrir a porta.

— Não me atrevo, senhores, a obedecer-vos, tornou o porteiro, porque além das advertencias que já vos fiz, do perigo a que vos arriscaes, está n'esta quadra uma dama, acaso a mais formosa que creou a natureza, e a mais estimada do ceo, e não quer que ninguem a veja. Por outra parte podereis proseguir vossa pretenção, que vos será menos difficultosa.

Como o que mais se difficulta é o que mais se appetece, estimulado Peralta com o desejo de ver tão formosa dama, disse ao diabinho que instasse com o porteiro lhe abrisse a porta, e como para o diabinho não era necessario rogos para arriscar a perigos, notificou ao porteiro lhe abrisse logo, senão iria queixar-se á senhora da casa. A isto respondeu o porteiro, abrindo a porta:

— Eu fiz o que tinha de obrigação por quem sou; mas já que não quereis aproveitar-vos de minhas advertencias, entrae em boa hora.

Entrados a final, viu Peralta que o porteiro era um velho mui severo, e que a quadra estava sem adereço algum, e ao canto uma donzella da mais rara belleza que os humanos viram, segundo testimunhava o rosto, pois todo o mais corpo lhe cobria um escudo que tinha escripto o seguinte epigramma:

Meu ser, que já floreceo,
Aqui preso e pobre vive,
Sendo tão nobre, que tive
Meu nascimento no ceo.

Mas já que na terra assim
Me vejo tão desprezada,
Para o ceo, envergonhada,
Me tornarei como vim.

Admirado Peralta da gravidade d'aquellas figuras, perguntou ao diabinho quem eram. Elle lhe respondeu:

— Que o porteiro era o Desengano, e a dama a Verdade, um e outro seus declarados contrarios. Que se prezava de andar desnuda, para mostrar que sua natureza não necessitava de adornos alguns para ter credito, apesar de que, se a dizem os sinceros e malvestidos, nenhum credito lhes dão, a cujo proposito motejou certo poeta:

Desnuda la verad pintan
Peró fué retrato impropio,
Pués se lo está, quien la bire
Pierde credito y decoro.

Assim que, para trovar este epigramma lhe fôra melhor arrastar brocados e telas, e não andar entre os pobretes para ser desestimada, que por esse respeito a senhora d'aquelle alcaçar a tem supitada e presa.

A isto respondeu Peralta:

— Que as virtudes não haviam mister adornos para seu credito, os vicios sim; pelo que disse um engenho:

La lisonja y la mentira
Andam guarnecidas de oro,
Por acreditár su engaño
De las galas al adorno.

— Deixemos esta questão, disse o fradinho, que não convem averigual-a, e passemos ávante a outra sala.

Assim o fizeram, e achando tambem a porta fechada, bateu o diabinho, e de dentro lhes responderam com toscas palavras, perguntando-lhes quem eram e o que buscavam: ao que satisfez o diabinho dizendo, que eram dois forasteiros que queriam ver aquella casa.

A voz replicou, perguntando se eram nescios, porque então podiam entrar confiados; mas se eram discretos deviam ir temerosos de não serem admittidos, porque a senhora d'aquella sala tinha como razão d'estado da sua tyrannia, não obsequiar senão aos que menos o merecessem. Admirado ficou Peralta de ouvir tal razão, o diabinho respondeu:

Ora abra, que quem se não aventurou não perdeu nem ganhou.

Ao que a voz replicou, abrindo a porta:

— Entrem vossas mercês, e a sua ventura lhes valha.

Entrados na quadra, o nosso Peralta e seu familiar diabinho, viram que a voz que lhes fallava era de uma mulher tonta, segundo mostrava por suas acções, e que servia de porteira.

O aposento estava ricamente adereçado, e no meio d'elle uma grande roda de oiro em continuo movimento, e ao pé uma formosa dama que estava com um braço afastando alguns sujeitos que pretendiam subir acima da roda, sobre a qual se viam duas damas, uma d'ellas derribando algumas pessoas que tinham subido, e a outra tendo mão n'outras para que não caíssem. A que estava ao pé da roda tinha no peito a seguinte quadra:

> Na roda, que meu ser manda,
> Quem subir tenha-se bem,
> Não se assegure ninguem!
> Que assim como anda desanda.

Á primeira dama que estava sobre a roda, derribando os que tinham subido, ornava tambem o peito o seguinte epigramma:

> Sou tão execravel vicio,
> E é meu rigor tão estranho,
> Que todos os que acompanho
> Tem certo seu precipicio.

No peito da segunda dama que estava sobre a roda, tendo mão nos que tinham subido, se lia tambem a seguinte letra:

> Os que nas felicidades
> Sabem portar-se commigo,
> Estão livres do perigo
> De muitas calamidades.

Depois que Peralta, com a devida admiração, contemplou o enigmatico da representação d'aquellas figuras, e leu os referidos epigrammas, por se inteirar bem da sua verdadeira significação, perguntou ao diabinho que pessoas eram aquellas?

Este respondeu:

— Que a que servia de porteira era a Ignorancia, muito favorecida da Fortuna, senhora d'aquella casa, que estava ao pé da roda, e que os sujeitos a quem vedava a subida, eram os benemeritos, e aquelles que ajudava a subir, os que não tinham merecimentos. Que a dama que estava em cima da roda, derribando alguns que a ella tinham subido, era a Soberba, para mostrar que todo o que se porta com ella nas felicidades pouco as logra.

— Assim é, lhe disse Peralta, que esse mal tem as bonanças, que raro é o sujeito a quem não façam mudar a natureza.

— Não fazem, replicou o diabinho, que a mesma natureza tinha d'antes, mas não a manifestava porque não podia. As honras e as riquezas não mudam homens, são o toque em que elles descobrem o que a humildade da pobreza desmentia. E proseguindo no que me perguntaste, has de saber, que a segunda dama que tambem está sobre a roda, tendo mão nos que já subiram, é a Prudencia, para que com ella se conservem e logrem sem perigo as bonanças e felicidades.

Gostosissimo ficou Peralta de ouvir a declaração do diabinho, louvando comsigo muito a propriedade dos epigrammas e a das figuras para o que significavam.

Passando d'aquelle a outro aposento, acharam a porta aberta, e sentado n'uma cadeira de oiro o porteiro que a guardava, que era um velho consumido. Entraram no aposento sem o porteiro lhes dar palavra, nem prohibir a entrada, porque se dava francamente a todos. Estava o aposento armado de telas com sanefas de brocado de tres altos, no meio um solio guarnecido de perolas e diamantes, e sobre elle uma dama custosissimamente vestida, e ornada de preciosas joias, a qual tinha escripto no peito o seguinte:

> Sou tão má de contentar,
> E de condição tão crua,
> Que estou, por mais que possua,
> Sempre mais a desejar.
>
> Qualquer alheia riqueza
> Que possuir não me vejo,
> Com insaciavel desejo
> A inveja minha avareza.
>
> Por mais riqueza que sóbre
> A meu depravado intento,
> Com nenhuma me contento,
> Sempre cuido que sou pobre.

Subiam os degraus do throno em que estava a dama, muitas pessoas a fazer-lhe grandes obsequios e cortezias, e ella de cima os despenhava, que esta era a paga que lhes dava; do que espantado Peralta perguntou ao diabinho que gente era aquella?

Ao que elle satisfez, dizendo:

— Que o velho porteiro era o rei Midas, aquelle tão ambicioso de riquezas, que pediu aos deuses da gentilidade, que tudo em que tocasse se lhe convertesse em oiro, o que lhe foi concedido para castigo da sua ambição. Está tão consumido e fraco, porque até o mantimento que toma nas mãos se lhe converte em oiro, e elle fica em jejum. A senhora d'este alcaçar, que vês sobre o throno, é a Cubiça, a quem Lucifer deve grandes obrigações, pelas muitas almas que encaminha ao inferno. Tem por seu porteiro o referido Midas, para que, pela virtude que lhe foi concedida, esteja convertendo tudo em oiro, de que ella nunca se farta.

Attonito estava Peralta na consideração d'aquellas maravilhas, imaginando que eram fabulas sonhadas, ou illusões phantasticas do seu companheiro; mas vendo que os sentidos operavam livremente, não acabava de se resolver em sua imaginação.

Para se livrar do cuidado que lhe causava, pediu ao diabinho que seguissem sua jornada, porque era tarde, e elle não queria ver mais do que tinha visto. Annuiu o fradinho; mas indo para saírem da quadra, acharam a porta fechada. Pediu Peralta ao porteiro, com muita cortezia, lhe quizesse abrir a porta, a cuja petição respondeu o velho:

— Que sem ordem expressa da senhora da casa não a podia abrir, porque todos os que entravam a vêl-a ficavam dedicados ao seu serviço.

A tão estranha intimação replicou Peralta:

— Que isso entendia-se com os grandes e poderosos, mas com elle não, que era um pobre soldado, e se contentava com a sua limitação, sem aspirar a grandezas.

— Estragado gosto tens, forasteiro, respondeu a senhora da casa, pois te pagas mais de miserias que de riquezas.

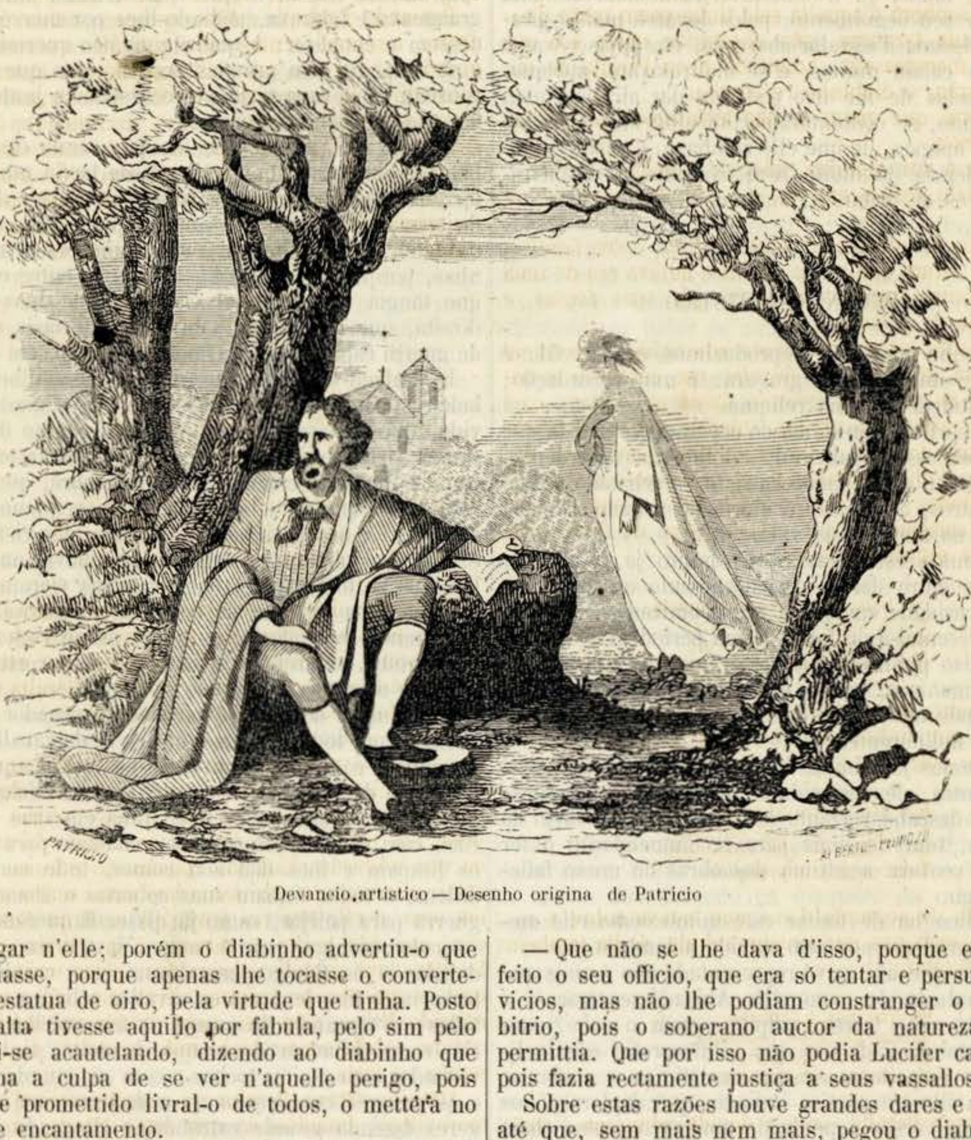
— Nas miserias me criei, senhora, retrucou Peralta, e n'ellas quero viver, pelo que vos peço me façaes a mercê de mandar abrir a porta.

Ella tornou dizendo:

— Que era impossivel quebrantar a lei da sua morada.

Que ou pela porta ou pelo telhado havia de saír, replicou o soldado, razão que todos os que estavam na sala avaliaram por grande desacato, e começaram a gritar que era justo se castigasse, pelo que a dita senhora mandou que Peralta fosse preso, arremettendo todos a elle para este effeito.

Peralta, vendo que as armas que havia na casa eram só riquezas, levado dos brios de soldado, deixou caír a capa, e empunhou a espada. Todos a grandes vozes bradavam contra similhante crime, emtanto que o porteiro dissimuladamente se ía chegando a Peralta



Devaneio artistico — Desenho origina de Patricio

para pegar n'elle; porém o diabinho advertiu-o que se desviasse, porque apenas lhe tocasse o converteria em estatua de oiro, pela virtude que tinha. Posto que Peralta tivesse aquillo por fabula, pelo sim pelo não, foi-se acautelando, dizendo ao diabinho que elle tinha a culpa de se ver n'aquelle perigo, pois tendo-lhe promettido livral-o de todos, o mettêra no d'aquelle encantamento.

O endiabrado fradinho, satisfeito já dos sustos que lhe tinha mettido, poz o pleito a votos, e disse ao porteiro que abrisse a porta, pois tal violencia ninguem soffria, porque o livre arbitrio não se podia forçar.

Respondeu o porteiro que não havia de abrir.

Sobre ha de abrir, não ha de abrir, houve uma revolta dos demonios. O porteiro estava teimoso, o fradinho resoluto, Peralta confuso, e os assistentes da casa gritando que não havia de haver no mundo um homem tão inferior em suas prendas e qualidades, que fosse mais privilegiado, e se livrasse dos laços em que elles tinham caído. A Cubiça protestava, e dizia ao diabinho:

— Que se intentasse tirar Peralta da sua jurisdicção, mandaria logo queixar-se ao grande Lucifer, porque em logar de persuadir a Peralta no engano, como tinha de obrigação, o queria livrar d'elle.

Ao que o diabinho respondeu:

— Que não se lhe dava d'isso, porque elle tinha feito o seu officio, que era só tentar e persuadir aos vicios, mas não lhe podiam constranger o livre arbitrio, pois o soberano auctor da natureza o não permittia. Que por isso não podia Lucifer castigal-o, pois fazia rectamente justiça a seus vassallos.

Sobre estas razões houve grandes dares e tomares, até que, sem mais nem mais, pegou o diabinho em Peralta por um braço, e o levou em bolandas pela janella fóra da sala, e, sem saber como, nem cançar no caminho, se achou Peralta á vista da segunda venda dos Pégões, onde, depois de descançar um pouco, entrou a tomar alguma refeição, ficando o fradinho da banda de fóra.

Estavam alguns passageiros jantando na mesma venda, e porque não deixasse o diabinho de fazer alli das suas, tomou a figura de lobo, e poz-se a passear defronte da porta, diante de todos. Um alemtejano, que estava já tocado, exclamou:

— Ha maior desafôro, que o d'aquelle animal, para que, na melhor hora do dia, esteja aqui tão confiado á nossa vista, sem temer o damno que lhe podêmos fazer! Razão será que o pague com a vida.

E dizendo isto, pegou n'uma clavina, e endireitou-se com o lobo para lhe atirar. Atraz d'elle saíram todos os que em casa havia, uns com espadas nuas,

outros com pedras, dardos e cachamorras, excepto Peralta, que entendendo ser aquillo travessura do diabinho, deixou-se ficar jantando. O que saiu com a clavina fez logo tiro, porém acertou no vento, porque o fingido lobo, ao tempo que deu um grande salto, passou-lhe o tiro por baixo; as pedradas choviam em vão, os das espadas e mais armas, quando lhes parecia que executavam os golpes, os empregavam no ar; os pastores que tinham acudido ao reboliço, gritavam assolando os rafeiros, porém elles, em logar de arremetterem, fugiam amedrontados. Assim, zombando de todos, os trouxe divertidos mais de uma hora; em seu seguimento, pelos logares mais espessos e perigosos d'aquella charneca, em cujas covas e barrancos caiam muitos, e se maltratavam, até que, desenganados de lhe não poderem dar alcance, nem fazer damno, se contentaram com afugental-o, dando brados e apupos, de que elle zombava, e assim o deixaram, depois de muito bem cançados e escalavrados, roucos de gritar, e, finalmente, estropeados.

(Continúa)

DEVANEIO ARTISTICO

O desenho que hoje reproduzimos a pag. 61, é mais que uma simples gravura: é uma recordação; é uma saudade; é uma reliquia.

Todos se lembram ainda do esperançoso artista que ahi esboçou esse devaneio da sua imaginação ardente: o sympathico desenhador Patricio, arrebatado, como tantos outros, ás artes e á gloria no principio da sua carreira, na flor da sua vida.

Possuiamos esta gravura ha muito já, e sempre hesitámos entre deixal-a piedosamente na quasi devota obscuridade em que a nossa amizade a encerrára, e apresental-a na folha de um periodico ao grande sol do juizo publico. Hoje resolvemo-nos a archival-a n'este semanario, que é mais um livro, do que um jornal, mais um album da intimidade, do que um livro para indifferentes.

Aqui temos já reunido bom numero de antigualhas interessantes, de curiosidades historicas e naturaes; aqui não descabe portanto este desenho, que além da sua valia, tem de mais para recommendação o ter sido por ventura a ultima das obras do nosso fallecido amigo.

O publico ha de tomar este mimo como elle merece, e agradecer-nos sem duvida a lembrança.

A scena que ahi se vê representada não é mais que uma phantasia de namorado. Ahi n'esses traços, a morte-côr, vive talvez, palpita (quem o sabe?) um drama inteiro. Cada um que o interprete; nós inclinâmo-nos respeitosos, e não resistimos a exclamar com uma illustre poetisa italiana, que deplorava nos seus bellos versos a perda de um joven pintor cheio de futuro:

> Povero giovine! morir così!
> Morir del vivere nei più bei dì!

J. DE CASTILHO.

COMO SE TRATAVA EM GOA AFFONSO D'ALBUQUERQUE

O governador (Affonso d'Albuquerque) estava aposentado nas casas do Sabayo, que tinham grande sala, em que dava mesa a todos os fidalgos, e a mais de quatrocentos homens, porque a mesa fazia volta por outra banda. E assim davam mesa todos os capitães, e, o capitão da fortaleza, onde todos os homens andavam agasalhados; e tinham obrigação de acompanharem os capitães que não tinham em que entender senão no concertar de suas armas. O governador fazia mercês aos capitães da fazenda del-rei, para ajuda de seu gasto, e os homens cada um recebia cada mez um cruzado de seu mantimento, com que muito bem se reparavam; e cada anno eram pagos de seus soldos vencidos.

E tanto traziam os homens o ponto da honra e cavallaria, que todas suas gentilezas eram quem teria mais ricas armas, e, ao domingo, por galanteria, se armavam de ricas armas e cobertas de jorneas de seda, e, rebuçados os rostos com lenços, iam aguardar o governador, indo com elle á egreja, e tornavam com elle da missa, o que o governador lhes muito grangeava e honrava, pedindo-lhes por mercê que se déssem a conhecer; o que alguns não queriam fazer, e os despedia com grandes honras, e os que se descobriam os levava a jantar e assentava junto de si, fazendo-lhes muitas honras.

Affonso de Albuquerque sempre comia com trombetas e atabales. Diante das casas havia um grande terreiro onde estavam os naiques, capitães da gente da terra, cada um com duzentos peães, que estavam de redor do terreiro, com seus tangeres e trombetinhas, porque são muito guerreiros, e entre elles um que tangia uma trombeta de cobre de duas braças, direita, que era ouvida sobre todas, e fazia um som de guerra espantoso; esta tangia de quando em quando.

E tambem vinham ao terreiro muitas mulheres bailadeiras com seus tangeres, que a isso ganham sua vida, que bailavam e cantavam em quanto durava o comer; isto ao jantar e ceia, com muitas tochas de pannos mettidas em uns canos de cobre, que cevam com azeite que para isso trazem em pequenos barris de cobre; e assim vinham ao terreiro, dar vista, vinte e quatro elephantes de trabalho que havia na cidade. Em Goa se tomaram alguns, e outros vieram de prezas que naus levavam de Ceylão a vender a Cambaya por grande mercadoria, os quaes assim vinham estar no terreiro, e fazer ao governador suas cortezias até acabado o jantar, que todos se iam.

E assim ao domingo á tarde o governador saía ao campo, com toda a gente que havia de cavallo, a escaramuçar e ensaiar a cavalgar nas sellas, que eram da feição dos moiros; e cavalgavam os fidalgos e capitães nos cavallos que el-rei tinha em suas estrebarias, com seus servidores a que chamam *farazes*, que os limpam e lhes dão seu comer, tudo com muita ordem; e todos tinham suas cobertas e armaduras de guerra para pelejar, como já disse. E querendo o governador cavalgar para o campo, dava o sino duas badaladas e os fidalgos mandavam seus criados á estrebaria, e lhes levavam os cavallos sellados e concertados; e tornando do campo os tornavam á estrebaria, e se voltavam do campo de noite, vinha o governador com muitas tochas e com sua guarda adiante, e os naiques com a peonagem da terra com seus tangeres fazendo grande estrondo, e chegando ás casas era recebido com trombetas e atabales.

Não consentia o governador que nenhum capitão andasse a cavallo, porque indo a pé ia acompanhado da gente da sua mesa, que não tinham outro trabalho mais que ir á missa, assim acompanhados, e se tornavam ás casas do governador, as quaes tinham muitos degraus no terreiro, onde se assentavam a praticar e passear até que o governador vinha jantar, e lhe fallavam, e se iam para suas casas jantar com sua gente.

O governador levantava-se antemanhã, e com sua guarda a pé ia ouvir missa, e cavalgava só, com uma cana na mão e um sombreiro palhete na cabeça. Com seus alabardeiros ia correr a ribeira e os muros, ver as obras que se faziam, que tudo via por seu olho e mandava fazer.

Trazia após si quatro escrivães, criados del-rei, com tinta e papel, fazendo mandados e despachos, que as-

signava assim a cavallo como estava; e eu Gaspar Corrêa, que esta lenda faço, fui seu escrivão.

Tinha grande oratoria; escrevia a el-rei dando-lhe conta de todas a coisas, até das bombardas quebradas.

Escrevia aos duques, condes, a todos os do conselho, dando-lhes miuda conta de todo o estado da India, e coisas que cumpriam; e aos veadores da fazenda dos provimentos que havia na India, e que era mister prover.

Escrevia cada anno por quatro vias. Do que escrevia ficavam minutas aos escrivães, que depois cotejava com as respostas que vinham, pois nada ficava em esquecido que não provesse.

Não consentia que nenhum homem tratasse nem andasse fóra do serviço del-rei, porque todos traziam o ponto na honra da guerra e cavallaria. Havia um Antonio Fernandes Tassalho, e Diogo Fernandes Piteira, e João Alvares Caminha, e Ruy Paes: estes tratavam por um alvará del-rei que lhes dava essa licença, e dizia que os havia por mortos em seu serviço, que não queria que em nada os occupassem, mas que as mercadorias e logares por onde andassem seria por um regimento do governador, o qual com estes homens tinha muita contenda, envergonhando-os, que olhassem que andavam ganhando dinheiro pelas terras que os cavalleiros e fidalgos iam ganhando ás lançadas, derramando seu sangue; e os mandava que andassem nas náus da terra tratando em mercadorias da terra, e não tocassem em nenhuma mercadória nem fazenda do trato del-rei, sob pena de perdimento de sua liberdade, e os mandar em ferros ao reino; e que dessem fiança, primeiro que partissem, de que nas terras por onde andassem não fariam força nem aggravo; e trouxessem d'isto certidões dos officiaes dos portos em que entrassem, e de como pagavam os direitos como os outros mercadores; que haviam de tornar a invernar ás fortalezas del-rei; e das coisas que tratassem por que el-rei houvesse mister para seus armazens, lh'o dessem pelo que lhe custasse; e para fiança d'estas coisas se cumprirem, lhes mandou que fizessem em Goa umas casas que valessem mil cruzados.

Lendas da India.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS

No jornal litterario denominado *Archivo Pittoresco*, tem V. publicado mui instructivos e uteis artigos sob a epigraphe de — *Estudos da lingua materna* — que tem por fim corrigir os muitos gallicismos que se vão infelizmente introduzindo na nossa lingua.

Eu pretendo hoje prestar-lhe subsidio para um artigo, com a seguinte

PERGUNTA

Haverá, por ventura, gallicismo no emprego que hoje se faz, tão frequentemente, até pelas pessoas ainda as mais versadas nas nossas lettras, das palavras — *numerosos amigos, numerosos apoiados, numerosas pessoas, etc.?*

RESPOSTA

Posto que alguns puristas obstinados digam que as phrases apontadas não são castiças, somos de contraria opinião, porque o adjectivo *numeroso*, na accepção collectiva, tem procedencia latina, e compõe as phrases com mais concisão do que dizendo-se: *grande numero de amigos, de apoiados, de pessoas, etc.*

Nos classicos do seculo passado é commum este modo de adjectivar; e á vista temos agora um ainda de melhor data, qual o padre Simão de Vasconcellos, nas *Noticias* do Brasil (1668), que diz, fallando dos grandes rios da Bahia:

« Ajuntando a qualquer d'estes rios maiores, uma plebe *numerosa* de riachos e esteiros que mettem pela terra. »

E não se póde substituir o adjectivo *numerosos* por *innumeraveis* como alguns fazem, porque tem diverso significado. *Numerosos* quer dizer em *grande ou copioso numero;* e *innumeraveis*, tantos que *se não podem numerar* ou contar.

Agora as phrases *um sem numero* de amigos, *de vezes, etc.* lá tem seus resaibos de francezas. É bom evital-as.

BUFALO DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Esta especie foi descripta e figurada pela primeira vez em 1779, por Sparmann, nas *Memorias da academia real das sciencias de Stockolmo*, e indicada desde então debaixo do nome de *Bos caffer*, que foi adoptado por todos os naturalistas modernos, embora Pennant lhe désse o nome de *Cape ox*.

O caracter que distingue principalmente este bufalo das outras especies, está na fórma, estructura e disposição das armas, as quaes, em quanto o animal está a crescer, não se elevam sobre a fronte, estendem-se obliquamente para fóra, e diminuem uniformemente da ponta para a base.

As proporções do bufalo do Cabo são menos disformes que as do bufalo silvestre da India.

O pello dos bufalos novos differe do que tem os adultos, em ser do mesmo tamanho por todo o corpo, ao contrario destes, cujo pello n'algumas partes do corpo é muito mais longo que n'outras.

As orbitas d'este bufalo são mui sobresaidas: os olhos estão alli mettidos profundamente, e esta disposição é necessaria para os pôr ao abrigo das quédas a que estão expostos, quando correm pelas florestas. Atravessam, diz Sparmann, mattos cerrados que os nossos bois em vão tentariam penetrar, e a sua força é tal, que por alli abrem caminho com tanta facilidade como n'um campo de trigo. É verdade que as armas lhes formam na dianteira da cabeça uma especie de forcado que afasta os ramos para a direita e para a esquerda, o que muito concorre para lhes proteger os olhos.

O costume de trazer o bufalo a cabeça baixa contribue, com a disposição dos olhos, que estão muito encovados nas orbitas, e defendidos pela cornadura, para dar ao animal uma physionomia sinistra, de ferocidade e perfidia. E póde-se effectivamente taxal-o de perfido, porque se occulta nos reconcavos, deixando aproximar os individuos para os accommetter de subito; póde-se tambem com justiça accusal-o de ferocidade, porque se não contenta com matar o inimigo, fica-se ao pé do cadaver, pisa-o muitas vezes, e o esmaga entre os joelhos. Ainda depois de o haver esmigalhado, não o desampara sem lhe arrancar grandes pedaços de pelle. Muitos viajantes, e particularmente Thunberg, apontam diversos factos que demonstram a crueza d'este animal.

Os rios da Africa austral são menos frequentados pelos bufalos do Cabo que os rios da India pelo bufalo asiatico; do que se infere, como nota M. Roulin, que aquellas margens não offerecem, em geral, pastagem tão apropriada ao paladar d'estes ruminantes. Além d'isto, tanto a especie do Cabo como a da India, fogem do calor, buscam os logares humidos, e preferem, de dia, os sitios mais frescos das florestas, e a proximidade dos lagos. Nota Sparmann, que

quando andou á caça d'estes animaes, os via dirigir-se habitualmente para os logares pantanosos, e refrescarem-se n'um banho prolongadissimo. M. Harris, que teve ha pouco tempo muitas occasiões de estudar esta raça, viu que os bufalos, quando os não inquietavam, dormiam a sésta nas lagoas, apparecendo-lhes por entre os juncos as enormes cabeças, que é o que tinham fóra d'agua.

No tempo em que os hollandezes vieram estabelecer-se no Cabo, eram os bufalos communissimos; mas o ruído das armas de fogo dentro em pouco os afugentou, e passados alguns annos desappareceram inteiramante dos arredores da cidade do Cabo. No tempo de Sparmann e de Thunberg, era necessario já caminhar muito para léste a fim de os encontrar; hoje principiam a ser rarissimos nos sitios em que estes dois viajantes os viram em manadas de quinhentas a seiscentas cabeças. Todavia ainda se encontraram recentemente até ao cabo Logullos, que é o ponto mais austral do continente; e Delegorgue, na sua interessante *Viagem da Africa Austral*, relata muitos pormenores da caça e costumes d'estes animaes.



Bufalo do Cabo da Boa Esperança

Da parte opposta do cabo Logullos, encontram-se bufalos até aos tropicos, e é provavel que vão muito mais longe; mas até agora não ha esclarecimentos positivos a este respeito, pois o que referem os antigos viajantes dos bufalos da costa de Guiné, tem-se por tão vago, que não ha razão para os admittir na especie do Cabo como o boi brachycero.

Não consta que até hoje o bufalo do Cabo se tenha domesticado, mas é muito provavel que se possa conseguir pelo mesmo modo por que se amansou o das Indias, applicando-o aos mesmos serviços. Actualmente só o caçam para lhe comer a carne, que é o principal alimento dos habitantes dos paizes que elle habita.

POR QUE NÃO FOI A AMERICA AO PRESEPIO?

Dizem os commentadores da Escriptura que os tres reis que offereceram tributos em Belem ao Menino Deus, significam as tres nações gentilicas que das tres partes do mundo haviam de vir adorar e reconhecer a Christo.

Um rei significa a Africa, outro a Asia, outro a Europa. Pois a America por que não foi tambem offerecer? Faltavam-lhe balsamos em suas arvores, ambares em suas praias, oiro finissimo em suas minas, e sobre tudo liberalidade em seus moradores?

Pois por que não mandou tambem tributos ao presepio de Christo?

Alguem diria, que por sua ingratidão; mas eu digo que por honra e por auctoridade. Como cada uma das outras partes do mundo mandou um rei por embaixador, e a America não tinha rei que mandar, que nem fé, nem lei, nem rei havia n'estas partes, não quiz ir com as mais companheiras a Belem, por não apparecer lá com menos auctoridade.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

VARIEDADE NOS VOCABULOS

Do prologo do *Agiologio Lusitano*, escripto por George Cardoso, um dos nossos mais abundantes e suaves classicos, infelizmente desconhecido e raro hoje, tomámos o excerpto que se váe ler, para que os principiantes aprendam por que modo devem desenfastiar a phrase pela variedade dos vocabulos.

O estilo e locução que seguimos, procurámos fosse mais propria e corrente que florida e elegante; accommodada á materia de que se trata, que são as vidas e virtudes dos santos, a cujo assumpto quadra mais a phrase pura e sincera, que a exquisita e affectada, tão applaudida dos cultos da nossa edade; mas de tal maneira temperámos n'esta parte o estilo, que nem aos cultos enfastie por mui humilde, nem aos vulgares desagrade por pouco intelligivel.

Comtudo, alguns criticos anciãos (sobejamente amantes da pureza da antiga lingua portugueza) poderão notar, usarmos no discurso d'esta obra de muitas palavras latinas; aos quaes brevemente respondemos, que estando o moderno estilo tão florido e levantado, que até os vulgares fallam hoje por termos tão subidos, por palavras latinas e gregas que ha trinta annos apenas eram usadas dos doutos, não se nos deve estranhar em obra tão dilatada, e toda de materia similhante, aproveitarmo-nos de algumas palavras ou phrases e locuções latinas ou alatinadas, novas ou menos usadas, por não causarmos enfado aos que lerem, como são: *natal*, *obito*, *transito*, *anniversario*, *deposição*, *cenobio*, e outras d'esta qualidade, por não repetirmos com tanta frequencia estas portuguezas: *morte*, *morrer*, *fallecimento*, *fallecer*, *mosteiro*, *convento*, e outras muitas que no discurso da obra se repetem quasi infinitas vezes, sendo já usadas, no mesmo sentido, em portuguez, entre religiosos e ecclesiasticos, o que tudo se fez pela razão sobredita.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio.